

# A BELEZA DO PARTIR



**Org. Monique Malcher**

Resultado do Curso de Prosa Poética

Sesc Rio Preto



A BELEZA DO PARTIR  
A BELEZA DO PARTIR  
A BELEZA DO PARTIR



**sesc**

*Que a partida seja da ordem da leveza.*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A Beleza do partir [livro eletrônico] /  
org. Monique Malcher. -- 1. ed. --  
São Paulo, SP : Ed. dos Autores, 2021.  
PDF

"Resultado do Curso de Prosa Poética, SESC Rio  
Preto".

Vários autores.  
ISBN 978-65-00-28756-1

1. Prosa brasileira - Coletâneas I. Malcher,  
Monique.

21-77100

CDD-869.9308004

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Prosa : Antologia : Literatura brasileira  
869.9308004

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

## **A beleza do partir**

### **Sumário**

**Naquela época a morte não existia 10**

*Alice Silva*

**Intermitentes 12**

*Camila Mendes*

**Nesga do tempo 13**

*Caroline Silas*

**Gestação em três pequenos atos 14**

*Erika de Aquino*

**O mergulho 16**

*Gabriel Dante*

**Ruínas sobre papel 18**

*Giselle Veiga*

**Espelho alado 20**

*Graziela Delalibera*

**Trabalho e tambor 22**

*Laiane Guedes*

**O saxofone toca 24**

*Leticia Moreira*

**Importâncias 25**

*Lorena Nery Borges*

**Lagarta sobre a relva 26**

*Luizza Milczanowski*

**Último ato de um adeus guardado 28**

*Luciana Freire*

**Perigo 30**

*Monique Malcher*

**Pouco Austero 32**

*Rafael Moia*

**Dia 1 pela 107<sup>o</sup> vez 33**

*Rafaela Oliveira*

**40 34**

*Sol Felix*

**TARABÁRBARA 35**

*Victória S.*



## Prefácio

Durante uma noite - daquelas difíceis demais - em que os pensamentos estavam pesando sobre as tantas pedras drummondianas no meio do caminho, recorri para as lembranças de duas grandes mulheres para reforçar as estruturas de esperança e ao mesmo tempo construir novas. Pensava não apenas na trajetória pela escrita, mas no sopro insólito da vida. Uma delas, Conceição Evaristo, que em sua gentileza nos presenteia com a possibilidade de retirar essa pedra. É um movimento difícil, mas possível se feito com a coletividade no coração e nas ações. O poema de Conceição Evaristo diz assim:

*No meio do caminho:  
deslizantes águas*

*Ao Drummond, com licença, pois sei das pedras e também das águas das Gerais.*

*Da advertência de Carlos  
faço moucos meus ouvidos  
e sigo com lágrimas-águas  
contornando a tamanha  
extensão da pedra.  
E tantas são as deslizantes águas  
E são tantas as águas deslizantes  
E deslizantes são as tantas águas  
E águas, as deslizantes, são tantas  
que nas bordas da áspera rocha,  
encontro um escorregadio  
limo-caminho. Tenho passagem.  
Sigo a Senhora das Águas Serenas,  
a senhora dos Prantos Profundos.  
Sigo os passos, passo a passo  
e fundo outro caminho.*

*Sigo os passos.  
Passo a passo.*

*Sigo e passo.  
As águas passam,  
e as pedras ficam...*

Quando deitei na cama e apaguei todas as luzes veio a ansiedade sobre todo o passado que nunca parece que cumpriu sua etimologia. Resolvi escolher um



filme e me deparei com *Em três atos* de Lucia Murat. A dança com as palavras de Simone de Beauvoir sobre a morte da mãe para falar sobre a velhice e o tempo, que nos encontram seja lá por qual caminho formos. “O estranho agora é ter o movimento guardado no corpo, saber que pode fazê-lo, e não poder fazer”, reflete a bailarina de oitenta anos no filme de Murat.

Terminei a noite agarrada ao travesseiro em prantos, pensando não apenas nos volúveis movimentos, mas no decurso de tudo que nos acerta o sentimento e que uma hora ou outra se vai. Nas pedras que a água consegue contornar. As palavras levam os pés até lugares secretos onde existem mais perguntas do que soluções, mas as perguntas são as que iluminam o campo à noite. É preciso deixar partir o que não nos serve, o que magoa. Há uma beleza nas partidas, porque são elas que nos impulsionam para as novidades, que acima de tudo está no que é dentro. Dentro de nós.

As escritoras e escritores que estão nessa linda reunião de textos, escreveram sobre essas forças todas do partir e do tempo. Feliz pela oportunidade dos nossos encontros aos finais de semana e pela oportunidade de realizar um curso de prosa poética que fosse mais que um curso, mas uma celebração da palavra. Obrigada Fernanda Silvestre, técnica do Sesc que fez isso possível. Obrigada Sesc Rio Preto. Obrigada alunes do meu coração, companhias de escrita. E você que lerá essas páginas, saiba, a água sempre dá um jeito de encontrar o caminho, assim como as palavras. Que elas cheguem ao coração dos que a buscam e precisam dela.

**Monique Malcher**, escritora e sonhadora.

*Monique Malcher é escritora e artista plástica nascida em Santarém, no Pará, que reside em São Paulo. Tem um livro publicado pela Editora Jandaíra editado pela escritora Jarid Arraes, Flor de Gume (2020). Pesquisa quadrinhos feitos por mulheres desde a graduação, é mestre em Antropologia e doutoranda interdisciplinar de ciências humanas pela UFSC. É uma das coordenadoras do Clube de Escritoras Paraenses. Organizadora da coletânea Trama das Águas pela editora Monomito Editorial, que reuniu 57 escritoras paraenses.*

## Naquela época a morte não existia

*Alice Silva*

Quando penso naquela época, lembro de uma menina que olhava pra tudo sem os filtros que hoje a fazem enxergar – não mais menina – o mundo muito mais mundo, real e cruel, como ele sempre foi e ela só não via.

Ao contrário do que pensam, você não perde os filtros, você os ganha, são como lentes, que lhe ajudam a enxergar aquilo que antes você não sabia.

A infância é desprevenida.

Sempre lhe falta algo, que você só adquire com o tempo certo ou quando é forçada a adquirir antes dele, entrecortada, por não perceber que está na vida.

Desse modo de adquirir pode ser muito pior, pois você não sabe administrar ainda e ninguém sabe administrar por você, mesmo que tentem. Ele lhe molda, lhe modifica. Você nunca mais vai enxergar do mesmo jeito. É uma ruptura brusca. Muito brusca. Para a qual você não estava preparada, porque nunca fez parte do seu mundo de pertinho, estava sempre muito longe da vista.

Naquela época, a morte não existia, só existia a menina no seu mundo perfeito que não beirava o caos, pois tinha a sensação de que tudo ficaria sempre bem, tudo estaria sempre em segurança, porque ele estava ali.

Meu pai.

Ele esteve comigo por quase metade da minha vida, por onze anos eu o tive por perto, mesmo que, boa parte, inconsciente disso e do fato de que ele poderia não estar mais. A qualquer momento. E é justamente essa faceta da vida que o filtro me fez enxergar: a impermanência das coisas que amamos.

A brevidade, a efemeridade.

A falta do toque das mãos com a aspereza do tempo e a dureza do ofício, do cheiro úmido sempre vívido do banho recente, do abraço casa-refúgio-do-mundo sempre disponível, da lição durante as noites rotineiras de idas ao mercado na rua principal “estuda, minha filha, pra você ser alguém diferente de mim”.

Eu não sabia como era isso, que as pessoas poderiam mesmo sumir, simplesmente sumir do mesmo mundo em que eu estava, pra nunca mais voltar, mesmo que a gente quisesse muito que elas ficassem até não existir mais forças pra desejar isso,

nem tempo definido,  
nem horas à espreita,  
apenas as pessoas amadas sempre juntas.

Eu conheci meu pai por onze anos e, às vezes, penso que tinha tanto pra saber sobre ele ainda, porém o pouco que conheci, o pouco que compartilhamos da vida juntos, me faz querer muito ser como ele um dia. Contrariando-o.

E contar pra quem queira ouvir, assim como ele fazia com a riqueza da memória da mãe, que partiu aos seus oito anos, sobre a beleza da sua existência. Não tão breve assim, não tão leve, muito menos pouco vivida, pois por quatro décadas ele foi, e fez todos ao redor sorrirem, acreditando que valia a pena sorrir pra vida ainda.

Antes da mão pesada e decisiva da vida e da morte passar por aqui levando-o antes de eu menina aprender a dizer com todas as palavras – agora escritas – o que eu sentia, pois não era urgente.

Naquela época a morte não existia, hoje eu a vejo todos os dias.

## Intermitentes

*Camila Mendes*

engraçado como não distante a vontade de chorar vem. e, claro, junto com a mania de guardar, segurar pelo medo da experiência.

eu vou saber lidar? eu vou gostar? e se não gostar? vou saber voltar?

a gente cria cenários mentais para tentar prever o que vem à frente.

ô mania patética.

como estar em um lugar que ainda não existe? saber o formato, o cheiro, o sentimento, a vivência?

a única certeza que eu posso me agarrar é o tempo dele chegar, o momento vai se afunilando no espaço contínuo de sempre saber que tudo gira, nada volta nem retorna. a verdade é que o maior desejo é não ter medo.

medo é experiência não vivida que se antecipa em todos os cenários possíveis. e geralmente eu não penso nem 1% da infinitude de tudo. se agarrar ao medo e usar a desculpa como escudo é sentar no velho banco que tem o meu formato, e olhar pro mesmo lugar que eu conheço cada centímetro. é confortável, é simples.

mas é igual. eu já conheço, já me costurei ao fio solto a altura da mão.

a coragem vem como labareda pra me puxar e encontrar o outro lado. sei que quando eu sair, esse banco não mais vai existir, talvez apenas uma outra réplica que eu vou criar por saudades do primeiro, mas ainda sim será outra parede, outro fio solto e outra vontade de chorar.

## Nesga do tempo

*Caroline Silas*

Abotoada até o pescoço, faço sinal e peço que espere. Fico feito prematura. O telefone toca novamente e entre poucas palavras, ouço os músculos se debatendo. Você está em casa? O estômago corta o farelo dos grãos, a poeira sobe e desce na hélice do ventilador e lembro que sou a mais frágil da minha árvore genealógica.

Queimo a minha mão, até que alguma coisa possa ser dita, sempre há mais roupas para lavar, um sinal que vivemos mais. O padeiro vem espreguiçar a sua solidão no fim do dia, traz um azul no olhar e percebo todas as suas ciladas. Não vou negar, as caixas de papelão aqui não deságuam.

Os corpos estão deixando o presente. Pelo espelho, aperto a mão de pessoas que nunca mais verei, cativo mais peles do que rancor. Teus pés trepando em mim, pés que tinham tudo ao redor. Penso o quão míope tu não és, espreguiço no chão de madeira nua. O cheiro de resina me faz ganhar um tempo, entre boletos, bonecas de pano e gozos na espreita. O dinheiro continua contando a sua doença prene em prosperar.

Praguejo todos os tipos de aveias, meia-volta encosto em viadutos suados com picas desbotadas, já não sei mais o que é danoso, uma nova paixão com as mesmas letras do anúncio de um apartamento na rua principal.

Jogo no bicho agora pra entender quem já se foi.

## **A gestação em três pequenos atos**

*Erika de Aquino*

### **I - A avó**

Sozinha, sentada na cadeira que não acalanta, as lágrimas brotavam da terra onde seus filhos estavam enterrados. Guardou cada caderno, cada roupa, cada desenho, cada conquista dos filhos e filhas. Seu medo de perdê-los depois da morte do primogênito a fez acumular objetos para preencher o vazio. Ela ainda lembra do semblante do menino de oito anos na cama do hospital, o peito magro pontilhado de feridas arfando, os olhos se apagando sem saberem que doença lhe acometera.

Havia herdado o nome do avô, partira antes que pudesse ouvir todas as histórias do mais velho. Esperou por todos os filhos como dádiva, sua missão na terra era ser a grande mãe. Sabia das dificuldades, mas levava a gestação até o fim. Lembrou-se dos fetos que nasceram mortos em dois partos muito difíceis. Uma vida é muito valiosa e nunca deve ser desperdiçada. Sempre se entregou a Deus e Deus quis assim. Gerar um filho era padecer no paraíso e nascer um amor infinito dentro de si.

A vida é um vale de lágrimas, aprendeu com a oração, mas um dia queria que Deus a fizesse entender porque um filho parte antes da mãe.

### **II - A mãe**

Desesperou-se antes da revelação, tomou chás que as erveiras ensinaram, pediu reza para a benzedeira e proteção para Santa Maria. Olhava-se no espelho projetando a barriga, acompanhada de um novo ser, porém sentia-se extremamente só. Foi uma decisão muito difícil gerar a criança. Naquela época, lembrava da mãe que sempre chorava a morte do irmão. O tempo correu, a filha cresceu distante dela, entregue aos cuidados da avó, era estudada, feminista, entenderia o valor do gesto em favor da vida. Certo dia, no meio do almoço extraordinário entre mãe e filha, entre risos ordinários soltou a verdade, como quem respira, sem aviso, sem cerimônia, por necessidade: “Fiz um aborto ano passado, precisava falar para alguém”. Um

choque, a filha fingiu naturalidade: “A senhora está bem?”. A mãe descerrou a boca trêmula, querendo dizer algo mais... desistiu e só disse que sim. Desconforto, a face da filha falava por ela, assombrada, uma camada úmida de choro preso tomou os olhos. Continuaram em silêncio. Percebeu que errara mais uma vez ao querer que a filha a compreendesse e amasse incondicionalmente.

### III - A filha

Deitada na cama, lembrou-se de quando a mãe lhe disse que tinha feito um aborto. Defensora do aborto legal, a única reação que teve foi julgar a mãe fazendo um aborto depois dos 45 anos. Entretanto, agora temia estar grávida e ser abandonada pelo amado inconstante. A menstruação estava atrasada há mais de duas semanas, mas não tinha coragem de ir à farmácia comprar o teste.

Abraçou-se, recolhendo-se como flor que se fecha. Será que agora era guardiã de outra vida? Imaginou-se com uma criança nos braços, rodando como nas cenas felizes das novelas. Não se reconheceu na cena. O corpo ficou febril e teve muitos sonhos angustiantes. Tinha avisado o namorado que precisava fazer o teste, ele disse que estaria junto em qualquer situação, mas ela não acreditou. Entre tantos pensamentos, reparou que maternidade guarda amar e eternidade, mas também pensou caber nas camadas do ser mulher a infinitude em si e não querer assumir esse pacto de amor eterno. Chorou boa parte da noite, fez promessas, antes da decisão: abortar.

Pela manhã, muito hesitante foi à farmácia, tinha certeza que estava grávida. Voltando para casa sentiu a pressão baixar, segurou-se em uma árvore, começou a lacrimejar porque estava com medo de fazer o teste, não queria ser mãe. Olhou para o céu como se esperasse um milagre. Sentiu que suas entranhas reviraram, um canal se abriu anunciado pelas contrações do útero, chorou ao perceber que seu fluxo estava vindo torcendo para que fosse realidade. E veio... o sangue da liberdade rebentou entre suas pernas enfraquecidas pelo terror da gestação imaginária. Outra mulher nasceu.

## O mergulho

Gabriel Dante

Cinco. Meu primo de nove anos está vindo na minha direção. Quatro. Sentado, olho para a piscina que está precisamente diante de mim. Três. Não quero interagir, embora esteja na casa dele; só desejo relaxar e descansar a fala. Dois. Ele está a poucos metros de distância; acena para mim e fala alguma coisa. Um. Lanço-me com ímpeto na água.

Mergulhando profundamente, consigo sentir o perfume do cloro que inunda a água. O meu corpo parece estar no céu, com a leveza de uma pipa, deslizando entre os sopros da atmosfera. Nossa. Eu precisava disso. Enquanto nadava, as refrações do sol criavam um espetáculo para mim; as águas embalavam de um lado para o outro o brilho que descia do céu. Reinações de Narizinho. Foi o que me veio à mente, pois lera a obra há alguns dias. Só faltava aparecer um peixe, uma aranha, um caramujo. Que bobagem.

Meus braços cortavam as águas sem técnica alguma, o balanço irregular das minhas pernas mostrava como eu não nadava há muito tempo. Quão bom era saber que não havia câmera ali, para registrar o verdadeiro show de horrores naquela imersão. Imersão... eu gosto dessa palavra; lembra-me de um CD de uma banda chamada *Before the Throne*; e eu amava esse CD. Na capa, havia uma pessoa deitada –como numa cama– no fundo do mar. Era exatamente como eu imaginava estar, mas, na verdade, estava era submerso em pensamentos que surgiam de modo aleatório, o tempo todo. Associação livre! Eu praticamente estava em uma terapia com a água, despejando-lhe tudo o que me vinha na cabeça, sem freio ou censura. *A psicanálise aquática*. Daria um bom livro, eu acho. Desculpe-me, Freud.

Meu inconsciente está se manifestando muito mais livremente aqui do que numa suposta análise na superfície, com um terapeuta qualificado. Bom, isso não importa; o que importa é que estou profundamente maravilhado com o poder da água. Ela conseguia extrair mais de mim do que qualquer outra pessoa em terra seca. Quase senti vontade de chorar naquela situação, mas me lembrei de que as lágrimas seriam levadas; ou misturar-se-iam com o azul-claro dos azulejos. Mesóclise. Minha professora de Português do Ensino Médio ficaria orgulhosa se ouvisse esse pensamento afiado; ou não; *ter-me-ia* censurado, como costumava fazer, dizendo: você será um velho ranzinza, com cheiro de café e terminará sem amigos. Estranhamente, achava isso um elogio.

Elogios?! Não sei lidar muito bem com eles. Gosto quando dizem que sou gentil e legal. Bom, eu me esforço. *A Arte de Ser Leve*, de Leila Ferreira: achar que gentileza é algo supérfluo é miopia. –Joel...?

Sim. Eu concordo com ela. O mundo precisa de pessoas mais gentis e suaves, de palavras mais perfumadas, de caracteres mais verdadeiros e



complacentes. Quanto caro é responder a um bom-dia com um bom-dia? Certo. Às vezes, estamos mal-humorados, mas todos nós sabemos fingir, não?! Eu, por exemplo... - JOEEEL!!! MÃE!!!

Droga. Eu estou prestes a me afogar quando me lembro de emergir para respirar.

– Oi, Pedrinho.

## Ruínas sobre papel

*Giselle Veiga*

Acordou sentindo a miséria humana em cada poro do corpo rugoso e amargo.

Nem mesmo o entardecer – aquela hora em que algo irreal parecia transbordar do vermelho-alaranjado do céu e respingar em suas retinas cansadas – alcançou seu espírito.

Se instalara em cheio naquela tarde fria. Daquele ano que se parecia com todos os anteriores: vazio, perecível, triste.

O presente havia ido longe demais:  
cravava suas unhas –  
longas –  
cada vez mais  
fundo.  
Já não era possível fingir que não sentia  
Nada.

“Tudo meu, nenhuma posse” era o mantra que escorregava viscoso pelos quatro cantos do inexpressivo chalé que habitava.

O tempo: único personagem que, curiosamente, se havia alterado na história sem graça que perseguia os homens da família.

A solidão demorava mais do que parecia ser suportável ou permitido.

O tempo, esse escorria anunciando o Fim.  
Invadia o homem.  
Mastigava lembranças.  
Devorava entranhas.

Do lado de fora:  
apenas o balançar das ramagens  
cada dia mais escuras e espessas.

“Tudo meu, nenhuma posse”. Repetiu demoradamente em voz alta.  
Será que ouvindo assim  
sua voz a própria existência poderia ser  
comprovada?

Passar pela vida e  
De sa pa re cer  
para Sempre.

Era esse o seu mais pungente  
Medo.  
Labirinticamente  
a vida fora tecida sobre ele.

Se esgueirou silenciosamente por seus 52 anos.  
Bateu contra muros  
Duros.

Agora.  
Acabou.

## Espelho alado

*Graziela Delalibera*

— Para o alto, mais alto!

Ele veio atrasado e por isso a angústia foi mais longa. Calculo já ser hora do almoço. Diferentemente das outras vezes, não quis saber o motivo. Em meu campo de visão, a porção do céu está tão brilhante que só fez aumentar a vontade de romper esses limites. Olha ele lá, à esquerda, deu um rasante! Flu-tu-an-do... Que belo impulso, ufa! Inicia um voo silencioso e calmo em meio às nuvens, que hoje estão especialmente belas. Lembram pequenos tufo de algodão enfileirados. Vê lá, tão dono de si entrando suave pelos espaços azuis entre os gominhos de algodão...

Trago as pontas das asas para perto da face e tapo os olhos. Sou eu pairando no ar agora. Um frio na barriga brota. Será que ele planeja mudar a rota? Vou espiar. Ele se inclina para o lado e inicia uma descida. Não! É para o alto, na direção oposta!

— Ei, para cima! É para cima!

Você sabe que aqui dentro não tem vento, né? Faz falta aquela força contra meu corpo frágil. E os fios de alta tensão enroscados no topo da copa das árvores, o calor do sol emanando nos dias frescos de outono, as folhas caídas ao chão, os ipês e suas cores rompendo, uma de cada vez... Aqui o cenário é esse: ar denso, pesado, e esses ferros cinzas, sem vida, a nos cercar... Urgh! E aquele humano cretino que aparece às vezes para nos alimentar. Viu ele lá? Bateu as asas três vezes, deu um baita impulso e voltou ao seu eixo, começou a planar.

Daqui, empoleirada, ergo a frente e aponto para o teto. Sou eu e o vento agora. Meu corpo aqueceu. Consegue perceber? Te aconselho a sentir o mesmo. É o momento de abrir as asas: puxo o ar com força, elevo o peito, depois solto o ar e um canto doído...

— Mais alto! Mais alto!

Está embalado, vê ele lá! Degustando letra por letra, fala comigo: ro-do-pi-a! Daqui, empoleirada, eu quase viva! Pronto... Ele resolveu pousar. Viu ali? Está na ponta do galho do oiti. E carrega algo no bico que não sei identificar. Estica o pescoço e olha para os lados, em seguida desaparece entre as folhas. Ressurge, leve e altivo. Suspende a asa esquerda, é que vai se coçar...

Eu, espelho, estico as pontas da asa direita e as penas atravessam os vãos das grades frias. Não me importo. De lá, ele empreende voo. De olhos fechados, experimento um mergulho profundo no ar. Respiro... Não estou mais aqui.

## **Trabalho e tambor**

*Laiane Guedes*

Carregava o tambor no ombro como se carregasse o mundo, ela andava nas ruas cantarolando antigas canções que animam um bom batuqueiro, em cada esquina mostrava sua poesia, no percurso que fazia diariamente saindo da mais distante periferia até o centro da cidade juntou-se a outras tantas que cantavam juntas as mesmas cantigas. Pensou ter encontrado um ninho de pássaros perdidos quando descobriu outras mulheres na praça central tocando pandeiros criando um coco local, não eram pássaros, eram humanos do mesmo sexo, com as mesmas dores, com as mesmas indignações e de mundos diferentes, ela sabia que era distinta das moças dali mesmo assim esforçou-se para ser igual, mas descobriu que seu tambor era o único fiel companheiro, que ele complementava-se com o pandeiro, mas jamais tocaria um som idêntico. Ainda assim permaneceu, aquelas mulheres tornaram-se amigas, referências e muitas vezes foram sua casa, seu templo.

A cada praça que parava para trabalhar e passar o chapéu conhecia algum estranho com uma palavra bonita outros com a palavra de um Deus violento, cultura popular é pouco valorizada, mulher sozinha tentando ganhar a vida com um único instrumento que normalmente é tocado por homens é ainda mais, doía nela perceber esse fato aos poucos, sentindo na pele a ardência do descaso musical e do sol de meio dia em Belém.

Ela insistia, sempre que via uma criança se aproximar com curiosidade querendo aprender os toques místicos que formam um samba, um carimbó e até um brega, ela enchia os olhos de alegria, repassava o que aprendeu. Ensinou homens, mulheres, jovens, idosos, ricos e pobres. Não deixava que a diminuíssem, não permitia que ninguém a colocasse como inferior e aos amigos dizia: já fiz mais pela cultura dessa cidade do que o prefeito e o governador juntos.

Seguia o rufar daquele tambor. No ônibus todos olhavam, alguns com medo, a aparência não ajudava muito, mas sempre ganhava um dinheirinho

na volta pra casa. Em meio aquela gente sofrida depois de um dia cansativo de trabalho, ela sabia que havia feito um favor expressando sua arte.

Tão magrinha, que às vezes recebia convites para almoçar, sempre de bom humor ela aceitava e comia lentamente agradecendo cada garfada, não era necessidade, era o prazer de se deliciar fazendo o que ama e recebendo o que gosta em troca. A cidade inteira em algum momento já havia lhe visto, em todos os lugares ela estava com aquele tambor, em alguns espaços quando ela chegava alguns apontavam “olha, lá vem a menina do tambor!” ela gostava de ser reconhecida assim, era mais uma recompensa.

## **O saxofone toca**

*Leticia Moreira*

Me reconheço ali, no movimento em espiral. Repouso, um pedaço, quase esquecido... tão pessoal...minúcia empoeirada pelo cotidiano. Cílios em atividade constante encontram o lar, em abrigo descansam.

Na imensidão impalpável da cama, não sou só. Escorro gota a gota, o corpo em pena descobre seu peso. No sussurro de um poema, confesso, assimétrico, pessoal.

Mergulho devagar numa respiração úmida nas dobras do aqui, quase como bailando em jazz, enquanto o saxofone toca, nada lá fora existe. Nem barulho, interferência, teorias e conspirações; viro meu corpo vagarosamente, o cheiro do silêncio repousa impregnado no lençol, o gosto do instante dança na minha boca.

Aqui dentro o saxofone toca.



## **Importâncias**

*Lorena Nery Borges*

Ando apressada pelos corredores da universidade durante o intervalo entre uma palestra no auditório central, com a participação de um escritor de outra região, ainda jovem, e o outro espaço mais intimista com autoras locais. Menos alarde e notoriedade.

Risos confundem-se com passos, sapatos e chinelos arrastados. O folhear das páginas, o ecoar das vozes na conversa entre vendedor e cliente. São muitos sons que estalam no peito. Não consigo distinguir o barulho do meu coração e a respiração ofegante, fico confusa quando estou nervosa. Ninguém vê, aparentemente estou invisível como Eurídice de Martha Batalha.

Meu caminhar é tácito, porém duro, como se precisasse esmagar as pedras do caminho, enquanto continuo o trajeto de dois minutos que me separam da condição de plateia para o centro do palco.

O relógio brinca de alterar seu curso, os segundos parecem eternos. Minhas mãos estão frias, algo dança na minha barriga, a boca fica seca, mordo os lábios para evitar que transpareça o nó na garganta.

Recordo os versinhos escritos no caderno durante a infância, a menina dentro de mim ainda sonha, antes perdida entre as obrigações da vida adulta, agora encontra o caminho de volta, para a escrita.

## Lagarta sobre a relva (ou os batimentos da terra)

*Luizza Milczanowski*

Vejo a sombra da minha mão que escreve. Os olhos ardem e pesam. A caneta desliza no papel sem intuito algum senão tossir palavras. Pisco e pisco, feita de pálpebras e cílios. Bracinhos e pernas e um tronco anguloso e comprido. Mais bocejo e letargia, os dedinhos minúsculos e uma gotinha glup glup em algum lugar aqui perto. Não posso bocejar com empenho sem que a máscara se desloque do meu nariz (expansão).

Tenho vontade de rasgar minha meia-calça aqui agora rasgar.

Às vezes preciso gritar para ver se acordo da apatia. A cada bocejo, o hálito na máscara. Queria uma água um cafezinho vontade de apoiar a cabeça na almofada desse sofá e dormir.

Alguém vai tocar a campainha, ouço vozes no corredor. Espero que não. Algumas horas valem tanto, outras horas valem nada. Se eu vendesse cem livros todo mês, ganharia trezentos reais por mês. Será permitido alimentar o artista (pergunta). Não gosto muito de olhar as pessoas, me vem o medo. Um dia quem sabe um dia possa pender a cabeça deitá-la dormir.

Gente mal-educada que nem diz boa tarde. Eu também não digo quero que se explodam. Espero que não cheguem perto de mim. Quase todo mundo é ridículo, barulhento e insuportável. Se é fortinho e top e saia acho pior, cabelo escovado e boca imunda. Odeio a voz, o jeitinho vai ao banheiro e catarreia, o catarro nojento, não tem nada mais asqueroso do que ouvir um catarro na boca escarrada de alguém tudo um nojo imenso vontade de cuspir na sua cara agora ouve áudio alto imbecis e são endinheirados odeio endinheirados.

Uma camada de dor atrás dos olhos. Um dolorido que pulsa, perene. Pálpebras fechadas e a sala some. Limiar entre o real e o irreal, sonhar e viver, viver e sonhar. O sonho feito segunda vida. Quero me expressar sem ter compromisso com nada, mas escorrego na ficção, na estética, nas abstrações. Tenho medo de mim, da minha sede de sentir. Não me conformo. Ainda não sei com o quê, mas não me conformo. Angústia, melancolia, depressão, ódio, nostalgia se grudam à pele feito melaço. Gosma. Uma camada doce e amarga

sobre meu corpo seco. Provo com o dedo e o sabor é agridoce. O fundo salgado de mim não se manifesta. Embebida, quase não me movimento. Lagarta sobre a relva quente. A grama pinica meu pescoço, eriça minhas pernas.

O doutor me chama diz você não quer mesmo um cafezinho. Digo não. É expresso da ily mas digo não não doutor. Tenho medo de tirar a máscara.

Hoje, ouço os batimentos da terra.

## Último ato de um adeus guardado

*Luciana Freire*

Se Isabel calça as sapatilhas hoje, é para amortecer um baque. No tempo em que esteve distante, incapaz de continuar, sentia o denso cheiro das cortinas do teatro cobrindo suas mais tenras memórias. Nunca mais havia estado naqueles corredores ou se misturado à penumbra acerca do palco, de onde observava o ensaio geral sem ser observada; vista apenas, quem sabe, pelas Musas das Artes no teto ilustrado. Sempre adorou os bastidores. Estar nas coxias era como pertencer e, ao mesmo tempo, sozinha, guardar um segredo. Era como ser especial. Ela precisava se sentir assim novamente.

Foi na companhia de sua avó a primeira vez em que esteve no teatro do centro da cidade. As sapatilhas ainda não haviam tocado seus pés e nem mesmo o balé, sua alma. Foi esta menina que a levou pela mão, ao intervalo dos ensaios, neste retorno. Guiou-a aos seus aposentos encantados. O salão nobre mantinha sua imponência, na qual o importado espelho de cristal refletia, a ela, um brilho cortante como em sua canção preferida. Revisitou o saguão, flutuou pelo suave mármore da longa escadaria e pelo amadeirado nobre e raro do piso. Admirou os lustres estrangeiros, as estátuas de bronze, cada detalhe como quem reencontra, após anos, amigos muito queridos.

Ao fim de tarde, um forte laranja penetrava as janelas abertas e acendia pontos obscuros naquela antiga edificação. Isabel sabia que retornar seria assim, como acender pontos obscuros em seu íntimo. Diz-se dos bustos que ornamentam esta construção secular que eles refletem a música, a dança, a poesia e, sobretudo, a tragédia. Sentia-se como um deles. Ela muito havia mudado nos últimos anos, mas permanecia talhada pela perda. Uma vez que surge, o luto nunca deixa de existir inteiramente. O guardava até mesmo com carinho, imaginando-o envolvido por cetim, protegido ao fundo da caixa de joias que sua avó havia lhe deixado no mesmo dia em que lhe apresentou o teatro. Nunca a usou para guardar joias, não tinha muitas. Com as que tinha, não ousou substituir os sonhos que preservou naquele objeto quase sacro que, quando aberto, revelava uma delicada e rodopiante bailarina.

Ficou pronta para o espetáculo antes mesmo do primeiro ato, ainda que o seu fosse o último. Dançarinos iam e vinham ao seu redor com trajes de contos de fadas. Como se abertas páginas de fantasia, diversos personagens saíam dos camarins rumo às imediações do palco. Irrequietas, meninas em anáguas-flores deslizavam por entre os que, debatendo-se na correnteza humana, iam em busca de um ou outro acessório perdido. Quando o frenesi não passava de murmúrios absorvidos pelas paredes, sentiu que estas lhe sussurravam ao ouvido. Sua avó dizia que há vida preservada nos espaços, basta saber ouvir o que seus silêncios contam. As notas da caixa de joias rodopiavam, desta vez, em seu espaço solitário. Escancarou o peso das largas janelas do gabinete, revelando a praça à sombra da lua. Naquela varanda, dedicou-se a um espetáculo orquestrado pelo seu adeus, cuja coreografia era admirada pelo público estrelado. Sua avó devia ser uma daquelas estrelas. Caso a visse dançando, do alto, poderia notar a ornamentada caixa de joias aberta. Isabel era sua bailarina.

## Perigo

*Monique Malcher*

Quero ser perigo para tudo que sou. O perigo que se avoa nas janelas que se abrem com minhas próprias mãos. Tudo foi nesse rumo desde o dia em que aquela criança que fui, nascida de grito e choro envolta em sangue de mãe encantada, não parou mais de querer saber coisas do mundo. Vi mãe na cachoeira, mãos segurando pernas, com a juventude nos olhos aos cinquenta. Quantas vezes banhei corpo na rejeição de não ser minha mãe, quantas vezes escapei dos braços do tempo. Olho o céu se rindo abrir.

Criança você não é sua mainha, mas é ao mesmo tempo.

Tempo é coisa relativa de relação que se tece fim e começo na confusão, faz sentido a separação para se juntar no átimo que mostra na fotografia. Mãos segurando pernas, olhar altivo sozinha e acompanhada nas costas pela imensidão da porrada d'água. Está na fúria das quedas o brilho do joelho que se ergue.

Limpando o vidro do armário da cozinha vi uma mulher de cabelos pretos curtos, me olhava séria. Limpa menina, limpa mesmo esse lugar onde a fia prepara o que manja. O que tenho comido nos últimos meses além de pensamentos do que virá? Hoje estava sozinha com a mulher do armário, que disse sem dizer que finalmente meu pensamento estava em tirar a gordura do vidro, das maçanetas, do fogão e dos olhos. Vi meus olhos na panela e comi feito ovos cozidos. No tempo que se cozinha a visão. Vejo melhor quando estou no que é presente, a palavra que esqueci, que se é presente é para desfrutar e não esmagar a fia.

Na mesma noite vó visitou meu sonho, colocou na frente da fia três pratos de macarrão com muito colorau misturados com diferentes carnes. Na época de vó viva a fia amava carne, porque amava tudo que fazia o corpo da fia ruim. Come! Mas... vó! Come, que agora você vai provar de tudo que não presta para lembrar de só aceitar o que é vida. Mês das férias, e eu não tenho mais colo para ser criança ou espero para brincar.

Pela manhã limpei o colorau do lábio, dancei uma música que não amo mais.

Teve um dia que minha mãe disse lembra filha que você amava essa música? Quando ouço lembro de você. Eu odeio essa música, respondi.

Gosto de machucar quando me sinto nua.

Só que hoje levei ripada no pensamento, é que lembrei da fia que esmaguei naquela cidadezinha que era um dia o fim do mundo no meu coração, mas agora sei que é meu começo e sempre vai ser, que eu não sou filha de nada que se acha grande, mas é infeliz. Sou fia do que é pequeno e por isso carrego todo o coração no peito, que é maior que qualquer pedra gigante. Fui criança que não deixava a casca do joelho cair. Comia. Que não aceitava o tempo, e o macarrão é tempo sem quebra.

O garoto que tinha peito de pombo, era assim que chamavam, um amigo que tive. Ele tentava não respirar muito para não aparecer. Fechei os olhos na tarde que caiu hoje, foi hoje sabe, e vi uma foto do passarinho com peito enorme sobrevoando a floresta. Respirei para aparecer mais meu peito, que sou orgulhosa disso que causa risada, sou orgulhosa de tudo que sou e não é motivo de gozo de nenhum perna de calça. Fia é assim. Quer ser o perigo da janela que abre às vezes com as mãos e hoje, foi hoje, abriu com os dentes.

## **Pouco Austero**

*Rafael Moia*

O espelho partido divide quem sou, independente qual lado da ruptura olhar, apenas a imagem do normal. A cabeça apoiada no box, um cabelo bagunçado, olheiras pesadas que obrigam meus olhos a permanecerem no fundo de um estado de terror.

Um banho.

A realidade de alguém com 30 anos, tomando um banho gelado, em um banheiro de algum bairro periférico da cidade, é frio, é pesado. Porra, esqueci de trazer a toalha! Correr molhado, na ponta dos pés, para não acabar alagando o quarto, até a toalha pendurada na janela. Vou ficar sentado no vaso, e esperar o corpo secar. São duas e trinta da manhã ou da madrugada? Nunca entendi essa necessidade de madrugar para morrer de trabalhar e evitar o suicídio.

Senhor Deus!

É por isso que escritor é tudo infeliz. A tinta da fita acaba, a tecla do teclado emperra, você tem que voltar o papel todas as vezes para o início da linha, e não existe a tecla “Delete”, escritores não erram!

Quanto tempo já passou? Minhas pernas dormentes, aquela dor aguda, desconfortável. Não adianta, é suor descendo pela coluna, um calor infernal. Vou tomar outro banho.



## **Dia 1 pela 107<sup>o</sup> vez**

*Rafaela Oliveira*

Tantos dias dentro de um só espaço, de um não-tempo. Tantos dias dentro de mim e só de mim, a experienciar bulícios e bonanças com os mesmos olhos reféns do gris de sua travessia. Nem mesmo lembro quão diferentes eram as coisas. Vez ou outra, a sua voz longínqua me encontra, aconselhando-me nesses dias tristes. — Só quem se larga na disaligria é capaz de ignorar esse espetáculo que nos arrudia. Não vai cometer tamanha tolice, visse? Se deixar que nem tapera velha!? Nã. — Tens razão... abandonar-se é o pior dos crimes. É preciso se permitir enxergar a beleza que nos circunda, manifestando-se mesmo no mais simples, mesmo no mais trivial. Há pomposos espetáculos ocultos em miudezas: eu estou seguindo a sua voz.

Na varanda de casa, cada dia é meio assim: eu notando lindos fenômenos pela primeira vez e esses fenômenos aliviados por eu tê-los finalmente notado. Já era hora! Os detalhes agora seguem rumo a uma aparição crescente, a uma existência crescida aos meus olhos que outrora custavam repousar em coisa qualquer. As coisas de minha vida em evidência e eu aqui, percebendo que posso simplesmente ver. É porque, quando olhos sensíveis repousam sobre o simples, o extraordinário desabrocha e a ternura se transforma rapidamente em amor. Como o seu jeito de me amar apenas me olhando com atenção, sabes?

Notei, então, a amarela flor a desabrochar todos os dias, sem falta, bem aqui, na minha janela. E, inspirando-me nela, eu, após incontáveis dias imersa em pesado cismar, decidi desabrochar assim: todos os dias e sem falta. Pequena estrela terrestre de mil pétalas, surgindo diariamente em sincronia com a grande estrela celeste de mil raios. É você, vó?

Me encontrei neste lugar. Caí em mim e estava aqui: buraco apertado que só caibo em pé. Meu corpo redondo preenche os vazios e, para continuar aqui, permaneço vazia. Impossível mirar os lados, a saída é erguer a cabeça e namorar aquela facada de luz cor do bicho que se reivindica ser. Gelatinosa pela falta de tato, me (re)descubro com dedos, braços e vulcão. O desejo localiza oscilações nas paredes que, ora encaixa mão, ora encaixa pé. O homem descobriu o fogo. Eu, o ímpeto.

O primeiro pulsar: coração âmbar entalhado no centro da Terra. Feito pião, rodopio lenta rumo ao alto. Em cadência, os muros rubros invadem os meus espaços e sussurram: “*Fica*”. Sou sangue e sou terra. Sou húmus e semente. Sou o começo da criação.

Argiloso e obsceno, o barro escuro penetra os cantos intocados desta que estou eu. Mancha minha pele, chupa minha carne. “*Fica*”. Enquanto subo, me segura dançando em meu peito, ventre e coxas. Por elas, corre uma nascente límpida e morna. Sou névoa e sou lava. Enxurrada de muitas eras. Tenho o domínio do meu território e da minha jornada. Uma parte quer voar, a outra, derreter e queimar. “*Fica*”.

O homem descobriu o plantio. Eu, o germinar.

## TARABÁRBARA

*Victória S.*

Tudo dói.

Sem referencial ou roteiro

fico a deriva e

descubro

que o sono também precisa de cuidado, de zelo em sua forma. Este só pode ser gestado senão num corpo caloroso

que então se torna gelatinoso e desinformado.

Não durmo por isso.

Penso

barbaridades baixinho. Tuas e minhas. Frieza com frieza que congela o esbarrão num átimo.

Retrato em preto e branco nas desbotadas paredes que me cercam,

longe do candelabro da mesa

mas perto da tapeçaria

onde está tudo plugado.

Eu vejo você

dizendo baixinho

barbaridades,

que vais para longe pois não podes cumprir o destrato da boca do sol:

— Ela pelo menos entende que as pessoas são diferentes, já tu quer que meus pés sejam iguais aos teus. Pior, tomas tudo como se entendesses. Tu não entendes.

Assim pregavas

em minhas paredes molhadas

tua flâmula de acusação.

Assim me miras

delinquir no orvalho do mundo

para  
lembrar que  
ninguém muda ninguém,  
enquanto dizias que eu ficava mais bonita assim oh,  
chorando com os olhos de gema  
verde-avermelhada.  
Sinto a dor de dividir  
ao deitar e  
lembro que nunca tive cara para  
talvez.  
Não pareço ninguém e,  
por isso, bebo o mundo  
febril  
sem precisar entender  
o que é só meu,  
pois não o é:  
— Eu sei.  
Brinco de cultivar outras taras  
que não essa do  
sexo puritano das mocinhas,  
mas me valho dessa  
brancura?  
Invento tudo  
para me afastar ao momento congelado.  
Não quero retratos  
impermeáveis à vida.  
Quero as peças escondidas  
nas quinas  
de meu corpo tatuado,  
apostando que o que está na escala das quinas,  
do encontro  
vinga e floresce

em estômago  
não bile  
pois  
Como  
mata desvairada.  
Minha mais alta  
Antropofagia.

\*

Não sei porque resolvi contar as contas  
agora,  
em pleno fim de mundo.  
Talvez por ser uma dança  
não utilitária,  
errada do início ao fim  
pois dada ao meio,  
as bordas por fazer.  
Ou talvez seja por achar que tudo faz  
parte desse caldo que  
grita  
barbaramente.  
[ e me comove.

